

SOUSA GALITO, Maria (2006). Prof. Doutor Fernando dos Santos Neves. In (2007) Trinta Entrevistas no Âmbito da Diplomacia Económica de Portugal no Atlântico. CI-CPRI, ENT, N°14, pp. 116-124.

ENT: Entrevistas



Entrevistado: **Prof. Doutor Fernando dos Santos Neves**
Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)

Dia: 6 de Novembro de 2006, 16h

Local: ULHT

Duração da entrevista: 52m

MSG (Maria Sousa Galito), FSN (Fernando Santos Neves)

MSG: *Boa-tarde Sr. Reitor Santos Neves. Gostaria que falássemos um pouco sobre Lusofonia.*

FSN: «Foi-me dito que teria sido eu o responsável pela introdução do termo *Lusofonia* nos Estados de Língua Portuguesa. Nunca tinha pensado nisso. Mas, de facto, fui consultar os dicionários e só a partir do fim dos anos 70 é que a palavra Lusofonia aparece.

«No fim dos anos 70, princípios dos anos 80, houve polémica em torno do nome que se deveria atribuir a esta Universidade. E uma das críticas é que a designação *Lusófona* “soava mal”. Mas entretanto, passou a soar bem. Agora todos gostam.

«Os dicionários, antes dos anos 70, falavam de *Lusos*, *Lusofobia* mas de *Lusofonia*, de facto, não.

«Nos últimos anos, tenho escrito dezenas de artigos sobre Lusofonia. Por exemplo, aqui neste livro, refiro-me à «Hora cairológicamente certa da Lusofonia»¹.

«Uma vez que nos seus estudos também inclui as relações com os EUA, gostaria de acrescentar o seguinte. Tenho posto alguma reserva em certas expressões utilizadas em Portugal sobre a questão do Mar e das relações transatlânticas. São legítimas, claro,

¹ SANTOS NEVES, Fernando dos (2006). Os ‘tempos cairológicos’ ou as ‘horas cairológicamente certas’ de Portugal e das Universidades Portuguesas. In *O Dia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, p. 46.

vivemos num país livre. Mas para muito boa gente, as relações transatlânticas resumem-se às relações entre a Europa e os EUA; as outras interessam pouco.

«Acontece que, do ponto de vista da Lusofonia, as relações mais interessantes para Portugal não são essas.

«O *Mar Português* de que falavam os poetas Camões e Fernando Pessoa, é outro. E é importante que seja outro. A confusão pode gerar-se se os autores utilizam os mesmos termos para se referirem a questões diferentes.»

MSG: *Portugal tem uma vocação atlântica? Os nossos quatro vectores geopolíticos fundamentais são a Europa, os EUA, a África e o Brasil?*

FSN: «No âmbito da Lusofonia, também se pode introduzir a Ásia mas, de facto, é mais importante o Portugal/África/Brasil.

«A Lusofonia que interessa construir começa, obviamente, por uma questão de Língua. Não é por uma questão cultural, porque é preciso fazer valer as diferenças. É um absurdo falar em *países de expressão portuguesa*. Por exemplo, os PALOP possuem Língua Oficial Portuguesa mas não são de expressão portuguesa, e sim de expressão africana, espero eu!

«A literatura produzida por angolanos, brasileiros e moçambicanos, não é de expressão portuguesa, mas de expressão angolana, brasileira e moçambicana. O que temos em comum é uma Língua. Não é indiferente. Sei que as pessoas dizem isso por distração. Mas a questão da Língua é cada vez mais importante.

«Eu costumava dizer que a Universidade Lusófona não é *da* mas *de* Língua Portuguesa. Agora também temos uma cadeira onde se aprende Língua Portuguesa que, para além de outras razões, é de uma grande utilidade para os alunos.

«De qualquer modo, a *Lusofonia* é um projecto de geoestratégia, que está em vistas de se concretizar. *Em vias de*, porque ainda não começou.»

MSG: *E a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP)?*

FSN: «A CPLP devia ser isso, mas ainda não é nada.»

MSG: *Então, a CPLP está há dez anos à experiência?*

FSN: «Não sei se se pode chamar experiência a esse projecto. Não está a fazer nada.

«A Universidade Lusófona tem excelente relações com a CPLP. A Universidade Lusófona foi, entretanto, aceite como Membro Consultivo da CPLP e é a única Universidade Portuguesa com direito a assistir às reuniões.

«A CPLP não merece o actual secretário executivo da CPLP.»

MSG: *O Sr. Embaixador Luís Fonseca?*

FSN: «Não merece, porque ele é excelente e a CPLP não lhe deixa fazer nada de relevante.

«A Universidade Lusófona é das maiores críticas da CPLP, porque estamos muito empenhados em ver resultados. Ainda não há uma *Comunidade Lusófona*.»

MSG: *É um problema de recursos económicos?*

FSN: «E político.»

MSG: *Não há vontade política, da parte dos Estados-Membros, em aprofundar o projecto da CPLP, é isso que o Sr. Reitor está a tentar dizer-me?*

FSN: «Não há vontade. Uma das razões é esta. O que o Dr. Cadilhe escreve é óbvio mas não pode levar às conclusões a que ele chegou, quando diz: «Parece-me pouco provável que a CPLP se torne numa comunidade económica, porque hoje em dia assiste-se à integração regional dos países. Dentro de 10 a 15 anos estes países serão completamente integrados nos seus blocos regionais respectivos. Por outro lado, as comunidades económicas formam-se a partir das suas condições naturais. A língua não é suficiente.»²

«A Comunidade Lusófona, não indo contra estas integrações regionais, *deve e pode* ir mais além. E se não for, não chegará a ser nada.

«Depois temos Portugal. Uma das linhas estratégicas da Universidade Lusófona é leccionar uma dupla cadeira, em todos os cursos: por um lado, *Socio-economia política da União Europeia* e, por outro, *Socio-economia política do Espaço Lusófono*.

«Tenho defendido mil vezes que Portugal só pode ser interessantemente europeu se for plenamente lusófono, e só pode ser interessantemente lusófono se for plenamente europeu. Portanto, uma vertente não é contrária à outra.

«O Brasil ainda não encarou plenamente a questão da CPLP, por exemplo. Fernando Henrique Cardoso teve aquela piada de mau gosto, que “o Brasil não precisa de Lusofonia mas de desenvolvimento”. Eu penso é que Brasil só será desenvolvido enquanto lusófono.

«Agora fala-se muito no BRIC – Brasil, Rússia, Índia e China – mas o Brasil ainda não descobriu que a via da Lusofonia é a sua via para o desenvolvimento; também para obter um lugar permanente no Conselho de Segurança.

«Quem sabe se as coisas mudarão agora que abriu o Museu de Língua Portuguesa em São Paulo. Trata-se de uma iniciativa muito interessante, pode ser um sinal dessa descoberta da via da Lusofonia e do lugar do Brasil no mundo; e que não é incompatível mas o único caminho a seguir pelo Brasil.

«Tenho aqui para lhe mostrar o último número da Revista *Res-Publica*, neste caso sobre Lusofonia, em cujo Editorial se fala na “Hora da Lusofonia”, e que: «A

² CADILHE, Miguel (1996), *op. cit.*, p. 31.

“Lusofonia” nunca poderá ser nem deverá ser mera continuação da “Lusitanidade”. A “Hora da Lusofonia” é a hora de fazer a pertinente análise sócio-cultural, económico-política, e geo-estratégica do Mundo Contemporâneo e nele descobrir, lúcida, activa e organizadamente, o lugar insubstituível da Lusofonia, para bem de todos os “Espaços Lusófonos” e para bem de todo o “Espaço Humano”.»³

«Acrescento depois o seguinte: «Já há demasiadas “lusofonias”, só que não há a “Lusofonia”; já há imensas e porventura até demasiadas “coisas” lusófonas, só que falta ainda a “Coisa” da Lusofonia (...) “a Lusofonia, mais que um projecto ou questão cultural e até linguístico-literária, deverá ser, obviamente, um importante projecto e uma importante questão de “Língua” e, sobretudo, um importantíssimo projecto e uma importantíssima questão estratégica de geopolítica e de desenvolvimento”, contribuindo, para tal, a mudança da designação de “CPLP”, que é limitativa e começa a aparecer um empecilho, para a designação mais vasta e mais aberta de “Comunidade Lusófona”?»⁴

«É uma pena que o Português, uma das mais importantes Línguas do mundo – uma das poucas Línguas potencialmente universais do século XXI – seja tão pouco conhecida e até desprezada.»

MSG: *Desprezada por quem, pelos próprios falantes da Língua?*

FSN: «Pelos próprios e pelos outros.

MSG: *Na opinião do Sr. Reitor, a CPLP, para sobreviver, deveria alargar-se a países não lusófonos?*

FSN: «Talvez fosse mais exacto dizer países não de língua portuguesa»

«Também. É preciso reavaliar a questão. Mas o Brasil é que é o factor decisivo.»

MSG: *E o Português continuaria a ser a Língua de Trabalho nesse projecto de Comunidade Lusófona, mesmo com Estados-Membros não de língua Portuguesa?*

FSN: «Claro, claro. Na *Commonwealth*, há países que não têm Língua Oficial Inglesa. Bem sei que hoje em dia todos falam Inglês!

«O alargamento da CPLP seria um projecto político. Mas não há vontade política nesse sentido. Por isso é que ainda não existe a Lusofonia.»

MSG: *Não foi Fernando Pessoa que disse: «A minha pátria é a Língua Portuguesa?»*

FSN: «É melhor não exagerar, porque a frase foi escrita num contexto diferente. O que o poeta estava a dizer é que Portugal poderia desaparecer, desde que a Língua não desaparecesse. Essa frase vem no livro do “Desassossego” de Bernardo Soares. Mas a

³ SANTOS NEVES, Fernando dos (2005). Editorial – A Hora da Lusofonia. In *Revista Lusófona de Ciência Política e Relações Internacionais (RES-PUBLICA)*, Edições Universitárias Lusófonas, Ano I, N.º 3/4, p. 5.

⁴ *Id. Ibid.*, p. 6.

frase é bonita. Até a propus como símbolo para a Universidade Lusófona do Porto. Na de Lisboa, o lema é: “Nada do que é Humano nos é Estranho”.

«Fernando Pessoa teve observações muito interessantes sobre a questão da Língua – nos anos vinte do século XX, em que já se tinha dado conta que o Inglês era o Latim do nosso tempo, agora ainda mais – pois dizia que havia razões que fundamentavam a sua universalidade; entre as quais citava duas: ser uma Língua muito ou pouco mas falada em todos os continentes; e que ser falada por uma grande potência; e rematava dizendo que o Português possuía essas condições, também por causa do Brasil. Mas as estruturas no Brasil levam tempo a mudar.»

MSG: *Mas a ideia de uma Comunidade de países de Língua Oficial Portuguesa não nasceu no Brasil, não foram autores brasileiros que começaram a falar no assunto?*

FSN: «O Governo Brasileiro, de Fernando Henrique Cardoso, queria matar a CPLP antes de esta nascer. José Aparício de Oliveira foi o homem que teve a ideia da CPLP, mas ele tinha imaginado um projecto mais cultural, mais romântico; não era bem o que eu proclamo. Mesmo a política externa de Lula não investiu muito na questão da Lusofonia.

«Nos anos 68, nos movimentos estudantis daquela época, tomávamos os desejos por realidades. Dizíamos: “Sejam realistas, desejai o impossível”.

«Mas, portanto, os países de Língua Portuguesa ou serão lusófonos – ou entram neste projecto político, económico e estratégico – ou nunca chegarão a ser grande coisa.»

MSG: *O Sr. Reitor esteve a falar do Brasil. E África, pode ser uma oportunidade para Portugal?*

FSN: «A Lusofonia pode ser uma oportunidade para Portugal e para África.

«Criámos uma Universidade em Maputo, que agora se chama Instituto Superior Politécnico Universitário (ISPU) e que é a maior – também considerada a melhor – Universidade de Moçambique. Mas porque se chama ISPU e não Universidade Lusófona de Moçambique? Porque em 1993 – também se vivia uma situação especial – eles não quiseram. Enfim, a Lusofonia ainda cheirava a Colonialismo.

«Por exemplo, ainda não temos uma Universidade Lusófona em Angola, mas nesse país a questão não se põe. Os angolanos não têm problemas com a Lusofonia. Em 2002, em Luanda, numa reunião nas Universidades de Língua Portuguesa, lancei a ideia de, à luz da Declaração de Bolonha, criar o Espaço Lusófono do Ensino Superior (ELES).

«Em Angola há uma abertura grande, e noutros países lusófonos também, mas em Moçambique a sensibilidade é diferente. Mas também, em Portugal, quando tentámos criar a Universidade Lusófona, muitas pessoas manifestaram-se contra o “nome”. O próprio conceito de Lusofonia ainda não existia nos Dicionários.

«Por exemplo, neste Dicionário da Lusofonia⁵, quando se comenta o significado da Lusofonia, não se fala do papel que a Universidade Lusófona desempenhou neste processo.»

MSG: *No entender do Sr. Reitor, os complexos históricos estão a ser mitigados?*

FSN: «Sim, será inevitável.»

MSG: *Mas, por exemplo, o Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa continua ainda a ser projecto não cumprido, não é assim?*

FSN: «O que é inacreditável! É sinal que a Lusofonia enquanto projecto de Língua – que não é só isso, nem sobretudo isso, mas também é isso – nem a esse nível se concretiza. Como diria Marx, “a História ainda não começou”. Ainda estamos na Pré-História da Lusofonia. Mas não vamos desistir!

«Quando, no outro dia, fui ao Largo Camões e recordei o livro de Eça de Queirós, o “Crime do Padre Amaro”, sobretudo nas suas últimas páginas, em que as personagens dizem estar contentes por viverem em Portugal, país “invejado pelo resto da Europa”... Uma sátira à Eça de Queirós. Mas, de facto, o nosso afastamento da Europa correspondeu ao nosso afastamento da Modernidade.

«A Europa é símbolo da Modernidade. Até no contexto da Declaração de Bolonha, Portugal não pode ficar fora da Europa.

«E sobre o TGV? É uma autêntica vergonha – tenho de escrever um texto sobre o assunto – que o nosso ponto de referência seja Madrid e não seja o centro da Europa.

«A questão Ibérica está agora muito presente na agenda política. A aproximação entre Portugal e Espanha tem favorecido reivindicações internas no país vizinho – por exemplo, na Catalunha e no País Basco. E veja-se a Euro-região no Norte de Portugal-Galiza; há quem receie o seu desenvolvimento, pois pode acabar com Portugal.»

MSG: *Uma vez que o Sr. Reitor levantou a questão da sobrevivência do Estado-Nação, vivemos agora num mundo de Estados-em-rede? Refiro-me a uma rede de relações entre os Estados (e organizações internacionais)?*

FSN: «Sim. Eu tenho dito isso muitas vezes, nomeadamente aqui em Lisboa. Isto é um mundo de fantasmas.»

MSG: *É um mundo de fantasmas?*

FSN: «Sim, um mundo de fantasmas, porque há instituições que pensam que ainda são o que já não são: o Banco de Portugal, por exemplo.»

MSG: *São instituições com cada vez menos poder, é isso?*

FSN: «Têm cada vez menos poder e é bom que assim seja.»

⁵ CRISTÓVÃO, Fernando *et. al.* (2005). *Dicionário Temático da Lusofonia*. Lisboa: Texto Editores.

MSG: *Mas o Sr. Reitor é favor de um Estado menos interveniente? É a favor de menos Estado?*

FSN: «Não é menos Estado, é mais Europa. Era a maneira de nos libertarmos destes fantasmas. Se surgir uma Europa mais forte, desaparecerão os Estados-Nação que constituem a União Europeia. A Ibéria é inevitável, mas desde que inserida no projecto europeu.»

MSG: *Mas uma visão como aquela que o Sr. Reitor defende, não poderá dificultar o estabelecimento de relações privilegiadas entre Portugal e os países Lusófonos? Portugal não perderia o mínimo de autonomia na sua política externa para manter/desenvolver o projecto da CPLP?*

FSN: «Qual é a autonomia de Portugal? Portugal deve ter autonomia na sua inserção na União Europeia. A outra autonomia não interessa, seria a nossa desgraça, seria autarcia, seria autismo e coisas quejandas.

«Portugal, na medida em que é plenamente um país Europeu, também deve ser lusófono; assim é que pode ter força para negociar com o Brasil e com Angola.

«A este propósito recordo uma frase na Bíblia – a poetisa Florbela Espanca também a utilizou – que diz que “uma pessoa precisa saber perder-se para se encontrar”. Ou seja, é preciso alargar horizontes.»

MSG: *Mas se passar a haver mais Europa e menos Estado-Nação, como fica a questão da diplomacia económica Portuguesa?*

FSN: «O normal é que Portugal, pouco a pouco, ou muito a muito, deixe de ter embaixadas. Teremos um Ministro dos Negócios Estrangeiros da União Europeia e, conseqüentemente, embaixadas da União Europeia. E Portugal não desaparecia, nem a França desaparecia por causa disso.

«Aliás, é o que se está a construir. Entretanto, surgiu a União Económica e Monetária, mas até chegar à União Política, ainda vai levar tempo. Não será para amanhã, nem para depois da amanhã.

«A adopção da moeda única trouxe grandes vantagens para Portugal. Até do ponto de vista económico, em vez de Portugal manter a despesa de setenta embaixadas para Portugal, poderá haver uma embaixada da União Europeia em cada país terceiro.»

MSG: *No entender do Sr. Reitor, essa hipótese serviria melhor o interesse de Portugal? Ou serviria melhor o interesse dos países grandes que fazem parte da União Europeia?*

FSN: «Não me convence essa questão dos países grandes e países pequenos. Nos EUA, Nova York será sempre mais conhecida do que outras cidades, mas se houver uma mentalidade europeia, fará mais sentido haver uma Europa.»

MSG: *O Sr. Reitor defende essa teoria por considerar que algumas embaixadas portuguesas possam ter de gerir recursos escassos, por exemplo, e, nessa medida, desenvolver um plano de acção limitado junto dos empresários portugueses que, nos países de destino, almejam investir ou potenciar um mercado importador dos seus produtos?*

FSN: «Também. Mas é preciso, sobretudo, mudar as mentalidades.

«Por exemplo, no país vizinho deveria haver o slogan do Viva a Catalunha, Viva a Galiza, etc., só não deveria haver o Viva a Espanha, porque a Espanha é uma ficção. A Ibéria, para existir, precisava que a Espanha deixasse de existir e um certo Portugal também. Formaram-se um ao lado do outro, um contra o outro.

«Por exemplo, a região formada pela Galiza e pelo Norte de Portugal, organiza-se de uma forma mais natural e cultural do que entre Porto e Lisboa – eles chamam-nos os *Mouros* (risos). O Porto é que é a capital natural daquela região formada pelo Norte de Portugal e a Galiza. A Europa caminha nesse sentido.

«Os Estados-Nação fizeram muito do ponto de vista histórico, mas tiveram o seu tempo. Em Lisboa, então, com as suas ideias centralizadoras, há muitas entidades que ainda pensam que são o que já não são.»

MSG: *E resistem à mudança, é isso que o senhor Reitor me está a tentar dizer? Na opinião do Sr. Reitor, são “Velhos do Restelo”?*

FSN: «Se quiser. É o apelo à vida. Mas, por exemplo, porque é que os automóveis não têm impostos iguais em toda a Europa? Estas corporações vão resistindo; enquanto puderem resistem, mas é uma resistência de cadáveres. Mas vão deixar de existir, é uma questão de tempo até haver automóveis europeus.»

MSG: *Muito obrigada, Sr. Reitor Fernando dos Santos Neves. Não sei se gostaria de acrescentar algum comentário, para rematar a entrevista? Sim? No âmbito da Lusofonia, se desejar.*

FSN: «A China é um mercado emergente. Macau nunca foi tão autónomo quanto agora; nunca foi tão Lusófono quanto agora; nem nunca tiveram tanto dinheiro!

«Na reunião que houve, recentemente, em Pequim, Angola foi considerada como um dos países mais importantes de toda a África. Até foi anunciada uma ligação aérea Pequim/Luanda.»

MSG: *A China considerou Angola como uma economia a explorar, é isso?*

FSN: «Sim. Mas a China também está a descobrir a importância da Língua Portuguesa. Os Lusófonos não.»

MSG: *E se aumentassem as trocas entre Portugal/Brasil/PALOP, tal poderia ajudar a manter/ fortalecer essa ligação entre falantes de Língua Portuguesa? Por exemplo, se fosse potenciado o mercado dos chamados “produtos da saudade”?*

MSG: «A questão da Língua Portuguesa é importantíssima. Devíamos descobrir essa importância e concretizá-la. Por exemplo, é inadmissível que, em certas Organizações Internacionais, se escrevam textos em todas as Línguas menos em Português.

«Há um célebre café em Paris (Le Procope) que eu gosto de visitar quando vou a França, em que há postais em todas as Línguas, mas nunca vi nenhum escrito em Português. Há tantos consulados em França e uma comunidade portuguesa – e lusófona – tão forte nesse país, será possível que não teriam tempo para escrever um postal?

«Portanto, a questão da Língua Portuguesa é importantíssima. Nem sempre lhe atribuem essa relevância. Felizmente, o Português está a conseguir impor-se no plano internacional apesar de tudo e apesar dos Lusófonos!»

FSN: *Muito obrigada por esta entrevista, Sr. Reitor.*